

## **O protagonismo de Humberto Teixeira de Lima: um olhar sob a perspectiva da antropolítica na comunidade do Redenção, em Mossoró - RN**

*The protagonism of Humberto Teixeira de Lima: a perspective of antropolitics in the Redenção  
Community, in Mossoró (RN)*

Maria da Conceição Santos de Lima Sousa\*

Luan Gomes dos Santos de Oliveira\*\*

Palavras-chave:

Memória

Comunidade

Antropolítica

Resumo: Este artigo narra as histórias e memórias em torno do trabalho do líder comunitário Humberto Teixeira de Lima como um vislumbre de uma política mais humana e fraterna. Sob a perspectiva dos conceitos de Pensamento Complexo, da Antropolítica e da Fraternidade como categoria política, esse estudo busca compreender as conexões entre subjetividades e a participação de múltiplas vozes na construção de saberes e na prática de uma política de humanização. O enfoque na memória coletiva do bairro Redenção e do Movimento Comunitário de Mossoró-RN, o artigo explora a trajetória de Humberto, que iniciou sua liderança política em 1988 como presidente do Conselho Comunitário. Além de líder, Humberto se destacou como comunicador autodidata, utilizando a rádio e a oratória para intermediar situações e articular demandas para sua comunidade.

Keywords:

Memory

Community

Anthro-politics

Abstract: This study reports on the work of the community leader Humberto Teixeira de Lima as a reflection of a more humane and fraternal approach to politics. Drawing on the concepts of Complex Thought, Anthro-politics, and Fraternity as a political category, this study examines the interplay between subjectivities and the participation of multiple voices in the construction of knowledge and the practice of humanizing politics. Focusing on the collective memory of the Redenção neighborhood and the Community Movement in Mossoró-RN (Brazil), the study traces Humberto's trajectory, beginning with his political leadership in 1988 as president of the Community Council. Beyond his role as a leader, Humberto distinguished himself as a self-taught communicator, leveraging radio broadcasting and public speaking to mediate conflicts and advocate for his community's needs.

Recebido em 1º de março de 2025. Aprovado em 07 de maio de 2025.

\* Licenciada em História com Especialização em História da Região Nordeste - UERN. Mestre em Ciências Sociais e Humanas - UERN. Servidora Pública na UERN, Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil. E-mail: [mar8029@gmail.com.br](mailto:mar8029@gmail.com.br).

\*\* Antropólogo e Doutor em Educação pela UFRN. Docente do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - CDSA - UFCG, Paraíba - Brasil. Docente do Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN. E-mail: [luan.gomes@professor.ufcg.edu.br](mailto:luan.gomes@professor.ufcg.edu.br).

## Introdução

A memória coletiva do bairro Redenção e do Movimento Comunitário do município de Mossoró-RN é representada no discurso de reconhecimento da figura política de Humberto Teixeira de Lima. Líder comunitário nascido em 09 de abril de 1958, começou sua história de liderança política em 1988, situada no contexto da retomada da democracia no Brasil e da promulgação da Constituição Cidadã, um marco nos direitos sociais e políticos, como presidente do Conselho Comunitário eleito por três vezes seguidas para ser o representante daquela comunidade. Sua participação na política institucionalizada não foi tão promissora (tentou, sem sucesso uma vaga de vereador em 1998) como a sua liderança e prestígio da/na participação social em que se dedicou até a sua morte, na função de líder comunitário.

As lutas defendidas por Humberto Lima permeiam a memória coletiva dos moradores da Redenção, como as reivindicações pelo direito à habitação, acessibilidade, transporte público, água encanada na recém surgida favela (na época), limpeza urbana e outras tantas obras sociais, que fizeram a figura de Humberto Teixeira de Lima um dos protagonistas da história local e um destaque nos movimentos comunitários em Mossoró.

A história local do bairro da Redenção e dos movimentos comunitários de Mossoró se confundem com a própria vida do Líder comunitário Humberto Lima, que deixou um legado de transformação social ao contribuir para a promoção da consciência do pertencer, unindo toda uma população em busca por melhores condições de vida e de reconhecimento por parte do poder público.

Lutou numa época em que a conjuntura política era bem mais marcada pelo clientelismo, paternalismo e assistencialismo, em qualquer obra feita pelo poder público era tida como um favor, caridade ou moeda de troca, principalmente em um bairro periférico.

Ao se escreverem as lembranças, as narrativas se eternizam, trazendo ao conhecimento da coletividade o que pertencia apenas à memória de um ou poucos indivíduos. Partindo da perspectiva de que a História também se constrói e pode ser

escrita entre/por sujeitos anônimos e em espaços temporais e geográficos menores para além dos postulados ditados pela Macro História, surge a necessidade de dar voz e respaldo para os anônimos que ajudam a construir os grandes feitos históricos. É sob essa perspectiva que a trajetória do “anônimo” líder comunitário Humberto Teixeira de Lima precisa ser (re)contada e (re)construída de modo que também seja preservada.

O trabalho de Humberto Lima já havia sido mencionado de forma breve e descritiva na obra intitulada “Importantes Lideranças do Movimento Comunitário de Mossoró” (2010), de autoria do ex-vereador José Wellington Barreto; uma proposta de homenagear “pessoas comuns”, mas que prestaram relevantes serviços em suas respectivas comunidades.

Porém, faz-se necessário uma abordagem mais profunda e analítica, a fim de buscar na memória coletiva dos moradores, a identidade do líder comunitário Humberto Lima e a relação do protagonismo de um sujeito comum com a dinâmica do movimento social comunitário e os efeitos dessa atuação no desenvolvimento do bairro e nos movimentos comunitários a nível de cidade, pois a influência de Humberto se deu também em outras comunidades vizinhas, como foi testemunhado em depoimento por alguns de seus companheiros políticos.

Como o seu trabalho no serviço comunitário atuou na conscientização acerca do sentimento de pertencer dos indivíduos e como esse protagonismo é representado na memória individual e coletiva da comunidade é um dos aspectos a serem analisados neste artigo.

## A construção da identidade comunitária a partir da memória coletiva

Para além do registro das memórias, a escrita sobre os feitos de alguém precisa de um significado, um fator que dê sentido para quem vai ler ou para quem vai receber uma medalha que carrega um nome de uma pessoa desconhecida, com quem não se conviveu, mas que possui uma representatividade simbólica e carrega valores em torno da história do seu nome.

À História e à memória compete buscar empreender tal tarefa. Sua contribuição maior é a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre em curso, (...) são esteios fundamentais do autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história (Delgado, 2003)

Portanto, é fundamental que se jogue luz sobre essas histórias dos anônimos, para se abrir caminhos que levem ao autoconhecimento de elementos que fazem parte da cultura e da História de uma comunidade.

Uma observação mais detalhada sobre fragmentos de uma trajetória, que inspire gerações futuras de novos anônimos, e o registro do legado dos que se fizeram sujeitos atuantes no processo histórico de autoafirmação na sociedade, e como esse processo se relaciona com a construção da história da própria cidade.

Essas pequenas histórias que passam às vezes despercebidas por nós, são na verdade partes fundamentais de construção da memória coletiva e identidade comunitária, que contam com a participação dos muitos sujeitos anônimos, que trabalham para modificar a realidade do meio onde vivem.

Entendemos assim, que a preservação da memória e a construção de uma identidade coletiva passa pelo estudo mais criterioso sobre a comunidade. É necessário observar quem são seus sujeitos, quais suas necessidades, qual a realidade de vida e levar em consideração a percepção da comunidade acerca de sua própria História.

A História dos Movimentos Sociais mostra que a representatividade nasce a partir da organização de grupos de indivíduos, que se unem em torno de interesses comuns, a fim de provocar alguma transformação do meio onde vivem, unindo-se através de problemas concretos vividos pelo povo.

Essa mobilização se dá pela intervenção de um “agente de mediação social” que pode ser a figura do educador ou de um líder, sujeitos sem qualquer notoriedade, e que, a partir da utilização de novas metodologias e narrativas, passaram a produzir significados próprios de suas lutas, na construção de

referenciais de memória coletiva, que contribuíram para a elaboração de uma identidade.

Os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social e a partir disso, constroem propostas. Atuam em redes, promovem ações coletivas que agem como resistência à exclusão social.

Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, como bem acentuou Melucci (2001). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo (Gohn, 2011)

Como esse sentimento de pertencimento se verifica nos moradores de um bairro por meio da associação comunitária? Quais significados e fragmentos de memória de lutas e reuniões populares por melhorias de condições de vida estão presentes no fazer histórico dos sujeitos?

Hobsbawm (1987) em seu livro “Mundo do trabalho”, faz uma reflexão sobre o fato de que, na maioria das vezes a história de pessoas comuns é desprezada por uma história tradicional, baseada nos grandes feitos, e em fatos ocorridos em espaços temporais maiores. De modo que a Micro História veio desempenhar um papel preponderante, pois nela ganham valor as narrativas de sujeitos não conhecidos, os quais se tornam atores de seu próprio fazer histórico. É sobre esse protagonismo lançamos luz, buscando analisar o contexto social no qual se desenvolve.

Um outro aspecto a ser considerado é a contribuição da História Oral (Meihy; Holanda, 2007) para a construção da Identidade e da Memória coletiva. As memórias preservadas transmitem a lembrança dos fatos que precisam ser conservados, fator de unificação dos monumentos da unidade passada, ou equivalente, porque se remetem ao passado e a confirmação da unidade do presente (Le Goff, 1990).

Para Harres (2006, p. 133) “[...] recordar liga-se a subjetividade, recordamos sob a forma de emoções, sentimentos e imagens. A memória depende de encadeamentos, eles são condições para

recordar”. Sob esta ótica, a proposta da história oral é registrar experiências e lembranças dos indivíduos que unem à socialização de sua memória com o coletivo e que de outra forma não conheceríamos.

## **A Antropolítica corporificada no serviço comunitário realizado por Humberto Lima**

Antropolítica é um conceito que fala a respeito da política de humanidade. Abordado por Edgar Morin (1993), essa noção de política é uma proposta de redimir o pensar e fazer política, e transformá-la em uma prática que promove o olhar sobre a multidimensionalidade e totalidade dos problemas humanos, sem, contudo, assumir uma posição de soberana e totalitária, considerando e respeitando aquilo que está para além dela.

Analisar o trabalho do líder comunitário a partir dessa perspectiva, nos permite vislumbrar um resquício de esperança na política, naquela política que é capaz de refletir a face do humanismo que se importa com o valor do ser humano e da sua diversidade, da natureza, das culturas e suas singularidades. O movimento que promova a restauração de valores como a solidariedade e fraternidade, capazes de levar a humanidade a despertar em meio às crises, e provocar mudanças na forma de lidar com seus problemas mais vitais.

Humberto Lima não estudou muito, nunca entrou numa faculdade, nem leu livro algum sobre Sociologia, Ciência Política ou Comunicação Social. Mas tudo de mais esperançoso que há nas teorias acerca desses assuntos, estava presente no seu fazer diário. Ele também nunca ouviu falar sobre Antropolítica. Mas esse conceito estava materializado nos atos de serviço prestado à comunidade à qual ele fazia parte.

Segundo Edgar Morin (1993), a política do homem no mundo deve conceber o desenvolvimento dos seres humanos e seus problemas acerca do sentido da vida, e as suas relações mútuas, do ser societário, que leva em consideração a ação imediata, o local, o regional e o médio prazo.

Além de ser possível enxergar esse conceito corporificado no trabalho do serviço comunitário,

identificamos também um outro fenômeno que acontece na comunidade: a instauração de um ambiente no qual ninguém está longe o suficiente para não ser também ator da transformação que acontece a cada convocação, a cada proposta de ação, a fim de resolver de forma autônoma, problemas que não podem esperar pela boa vontade da política tradicional.

Na política que orienta o serviço comunitário, se manifesta o que o autor Edgar Morin (1993) chama de “política do imediato”, a resolução de situações de urgência, como a que ocorria inúmeras vezes nas reuniões que aconteciam nas esquinas do Redenção, presididas por Humberto e seus companheiros, na sede do conselho comunitário ou até mesmo em sua casa.

Como atestamos neste tempo presente, a política de médio e longo prazo, exige investimento que provoque transformações profundas no modo de pensar, o que, segundo o referido autor, exige um investimento político e filosófico, o que não é preocupação dos que se colocam como “arautos de um futuro melhor”.

Em “Para um pensamento do Sul”, Morin (2009) contrapõe a racionalização que orienta a forma de pensar do Norte, que busca dominar o restante do mundo, ignorando o Sul e suas singularidades culturais. Partindo dos conceitos acerca de formas de pensar do Norte e do Sul, o autor define o pensamento do sul como um meio de resistir ao cenário de globalização, e nesse contexto, os “Suis”, se constituem em verdadeiras reservas antropológicas” nas quais se cultivam valores que expressam virtudes tais como a solidariedade, hospitalidade, responsabilidade, esperança e a recusa aos mitos de progresso desenfreados.

Diante disso, é possível pensar a comunidade do Redenção e a sua liderança comunitária como sendo essa espécie de reserva antropológica, quando nela é possível identificar alguns aspectos, entre eles essa instrumentalização do fazer político, mesmo diante da inexistência de uma formação acadêmica, como era o caso de Humberto Lima. Sendo homem simples, e que nada conhecia acerca das mais modernas teorias científicas da política, exercia a função intelectual de pensar e liderar pessoas, na busca por soluções concretas que melhorassem a vida em comunidade.

Mais ainda, seguindo a ideia de um pensamento do Sul, essa forma de pensar que, segundo o autor, “é capaz de restaurar a afetividade humana e despertar criatividades adormecidas”, promove outros saberes que são despertados e utilizados Morin (2009).

Humberto Lima possuía também a habilidade em comunicar, que desenvolveu também sem educação formal, aliada à arte de discursar, ambas aperfeiçoadas na pracinha do bairro e no púlpito da igreja que fazia parte.

Um outro aspecto diz respeito à complexidade daquilo que constitui o ser humano e que deve ser desconsiderado ao se pensar e fazer política, que é a relação com questões a respeito da vida, tais como nascer e morrer, problemas que, segundo o autor, não são mais de foro individuais e familiares, mas que agora se constituem em problemas políticos.

Não foram poucas as vezes em que, durante a madrugada, em meio a fortes chuvas, Humberto era chamado por moradores para ajudá-los em meio ao desmoronamento das casas de taipa. Em outra ocasião, ele foi chamado para ajudar a um morador

que precisava buscar o corpo de um familiar que havia falecido em uma cidade vizinha, e não havia recursos financeiros para trazê-lo. Ele também não tinha esses recursos, porém utilizou-se dos instrumentos que possuía, a articulação, domínio das palavras, e o apelo às virtudes humanas daqueles que detinham o poder econômico de ajudar àquela família.

A Comunidade se constitui assim o lugar onde a aproximação entre a teoria e a prática acontece, e os conceitos de Antropolítica e Pensamento do Sul, nos convoca a refletir sobre as possibilidades de pensar e praticar uma política de humanidades, que considere a complexidade do que constitui o ser humano, com todas as suas questões sobre a própria existência, seus anseios de justiça, harmonia, igualdade.

Uma prática que integre essa concepção do saber não formal, com a prática intelectual para uso do bem comum, que não despreza os métodos, mas valoriza também as tradições e as culturas, reconhecendo-os como saberes necessários ao desenvolvimento dessa política de civilização.



**Figura 1 – Reunião de moradores na praça principal. Data desconhecida.**

Fonte: Autores (2025).

Um fazer político que não desconsidera o espírito fraterno, a dignidade do ser humano, e, embora coexista com a necessidade de uma política tradicional e sistemática, não se permitirá ser dirigida apenas pela técnica, pela burocracia e pela economia, mas buscará o caminho que, segundo Morin (1993), permeia toda a história da humanidade: a aspiração à

harmonia, que é o que provoca o esforço para transformar todo esse sistema, pelo qual somos desafiados a despertar em nós uma sabedoria que reconheça e valorize as virtudes do amor e do sentido de comunidade, tão experienciados na vivência do bairro Redenção, com que tornou possível protagonismo de um anônimo. Não só de sua



própria história, mas também da história de toda uma comunidade.

Esse conceito aplicado à política é desafiador, se pensarmos no sistema político partidário no qual estamos inseridos. Implica exercer uma política diferente, para além das negociações eleitorais, que se importa, de fato, com o bem-estar coletivo. É no ambiente comunitário que identificamos com mais notoriedade essa forma de fazer política.

Isso não significa agora uma empreender uma romantização ou negação de que, mesmo na política comunitária, exista elementos da política tradicional e sistemática; não esqueçamos que são os líderes comunitários os grandes articuladores das eleições municipais, sendo eles, muitas vezes, os maiores responsáveis pelo sucesso da candidatura de vereadores e prefeitos.

Porém, entre tantos fatores, um dos diferenciais desse fazer político é a relação de proximidade com os moradores e a mediação dos problemas mais corriqueiros que diz respeito a vida ordinária de cada um. A figura do líder é investida de uma figura de mediador, e que o coloca próximo dos sujeitos.

A resolução dos problemas da comunidade muitas vezes não espera a publicação de um decreto, de uma lei, ou o envio de uma emenda parlamentar. São situações que exigem uma imediata resposta, e por sua vez, um relacionamento entre sujeitos que no qual não cabe formalidades nem burocracias.

Os resquícios do coronelismo obrigatoriamente são extintos, pois esse fazer exige uma aproximação entre os sujeitos, uma relação em que o bem-estar coletivo vem antes do interesse pessoal de qualquer um. Nessa perspectiva, a comunidade é o espaço onde se dá as relações inter-humanas e este se torna o espaço semelhante ao que Morin (2009) denominou de “reserva antropológica”, em contraste com a política planetária movida pela exploração, pela técnica, caracterizada pela corrida da industrialização, da obtenção do lucro a qualquer custo.

Essa proximidade no serviço comunitário exige algo mais que um saber científico ou acadêmico. O serviço comunitário é Antropológico porque tem uma dimensão antropológica. Ele leva a pessoa do líder comunitário a lidar diretamente com

os anseios e labores do ser humano, para além de suas necessidades materiais.

O caráter multidimensional, planetário e antropológico da política é a consequência desta tomada de consciência global: o que estava nos confins da política (os problemas do sentido da vida, o desenvolvimento, a vida e a morte dos indivíduos, a vida e a morte da espécie) tende a passar ao núcleo. Precisamos, portanto conceber uma política do homem no mundo, política da responsabilidade planetária, política multidimensional, mas não totalitária. O desenvolvimento dos seres humanos, de suas relações mútuas, do ser societário, constitui o propósito mesmo da política do homem no mundo, que requer a busca da hominização (Morin, 2009, p. 140).

O líder Comunitário está assim, perto dos aspectos humanos da comunidade. Ele é obrigado, pela natureza da sua função, a ver a face da fome, do luto, do abandono, do vício.

Esses elementos que os políticos tradicionais (a política partidária, sistemática), não são capazes de enxergar além de possíveis eleitores. Na comunidade também se enxerga o riso dos idosos, a satisfação das crianças nas creches, a promoção da saúde nos postinhos, a informação mediada pelas agentes de saúde que conhecem a problema do seu Zé, de dona Maria.

Esses elementos humanos, não aparecem nas estatísticas. Embora não se negue a necessidade delas, e aqui é onde encontramos o fundamento do pensamento de Edgar Morin, de não abandonar os critérios da Ciência tradicional, aquela que mede, que conta, que analisa, mas, abraçarmos essa que lê o humanismo presente no serviço comunitário.

Assim, a política deve tratar da multidimensionalidade dos problemas humanos. Ao mesmo tempo, como o desenvolvimento se tornou um objetivo político maior e a palavra desenvolvimento significa (certamente de forma pouco consciente e mutilada) a incumbência política do devir humano, a política se incumbe, também de forma pouco consciente e mutilada, do devir dos homens no mundo. E o devir do homem no mundo traz em si o problema filosófico, doravante politizado, do sentido da vida, das finalidades humanas, do destino

humano. A política, portanto, se vê de fato levada a assumir o destino e o devir do homem assim como o do planeta (Morin, 1993, p. 137).

Não se faz necessário muito esforço para que essa política aconteça no meio da comunidade. Ela possui uma dinâmica própria, e o papel do líder comunitário é essencial pra que esse movimento de inter-relação aconteça. Ainda hoje, quando a força do movimento comunitário não é a mesma de sua época, é possível perceber a grande influência da liderança comunitária.

Só é possível conceber a ideia de uma Antropolítica no serviço comunitário sob a perspectiva da Ciência que considera o elemento humano. De outro modo, o sentir e as questões da subjetividade que compõe o homem, não seriam considerados como fatores importantes ao se falar sobre Ciência. Essa forma de pensar, rompe com antigos paradigmas que não leva em consideração o homem e sua complexidade, mas desconsidera o entorno desses sujeitos e os mais diversos fatores que o constrói.

Sob essa perspectiva, o Líder comunitário não é em si mesmo um protagonista sem os demais elementos que o tornaram o que é. Daí a importância das múltiplas vozes, ou dos silêncios, dos anônimos. É preciso atentar-se para as mãos que se uniram às de Humberto: as mãos de Cineide, de dona Elita, de Socorro Almeida, de Cida, Wellington Barreto e outros. Nesse trabalho que se requer coletivo, as identidades vão se construindo entrelaçadas, e à medida que se investiga um, se descobre o outro, porque ambos estão envolvidos em processo de construção social interdependentes.

O pensamento cartesiano não enxergaria o protagonismo de um líder comunitário além da quantidade de feitos que realizou. Uma História escrita sobre sua vida, contada de maneira fria, contabilizaria todos os registros que existem sobre as realizações. Mas uma ciência que considera a complexidade do ser, consegue ir um pouco mais adiante para compreender, além de informar, e para isso, ela exige uma sensibilidade que só é possível sob a perspectiva do pensamento complexo.

Sob essa perspectiva da Antropolítica, Humberto Teixeira de Lima é como um agente desse conceito, e a comunidade do Redenção como o lugar dessa reserva antropológica.

Nas palavras de Rosalba Ciarlini, ex-prefeita de Mossoró e sua companheira na política, Humberto foi “a própria rede social” de seu tempo. “Naquela época, não tinha rede social, mas ele era a própria rede, com os trabalhadores e a comunidade”. Ela descreveu o trabalho de Humberto na comunidade como uma rede, através da qual toda a comunidade era integrada, permitindo que todos participassem das decisões importantes acerca dos problemas do bairro.

Amigo e companheiro de Humberto, Wellington Barreto conta como o movimento comunitário iniciou a partir da dispersão de várias lideranças advindas da dissolução dos sindicatos, pelos governos ditatoriais no país.

Então começou a acontecer reunião de ruas, a partir de 1965, e esse movimento foi crescendo, crescendo, e tornou-se, denominou-se de um fenômeno chamado movimento comunitário. Bom, aqui em Mossoró, a partir de 1980, ele começou a crescer mais, certo? Todos aqueles líderes políticos e sindicais de Mossoró que foram cassados e perseguidos pela ditadura, ingressaram no movimento comunitário. Então, a partir de 80, 81, 82, 83, nós começamos a atuar mais firmemente neste movimento. E com uma... preocupação, porque os Abolições, de um modo geral, eram comunidades que estavam sendo construídas e inauguradas pelo governo da ditadura e pelo governo municipal, mas que não tinha representatividade. Então, com esse movimento pulsante, representativo e forte, nós começamos a fundar em cada comunidade um conselho comunitário ou uma associação de moradores, um grupo de idosos, grupo de jovens e clube de mães. Aí vem, entra a figura do Redenção, um conjunto construído pelo governo do estado em parceria com o sindicato da Constituição Civil (Wellington Barreto, amigo. Depoimento concedido em 06/04/2024).

Esse período, segundo Barreto (2014), foi o período de ouro do movimento comunitário de Mossoró, e nesse contexto foi quando a sua liderança surgiu, na comunidade do Redenção, uma comunidade feita para trabalhadores da construção civil, porém sem ou com pouca infraestrutura. A ex-prefeita Rosalba Ciarlini, descreveu o início da liderança comunitária, tendo a comunidade do Redenção como um elo entre eles.

Casualmente, eu fazia um trabalho social, como pediatra, em alguns bairros de Mossoró, lá no Abolição 4, tinha um centro social, como era do Estado, era conhecida, e a liderança lá na época, o Wellington Barreto e mais outras pessoas começaram a me convidar pra ir atender crianças lá, e eu ia no final de semana. E foi assim que, um belo dia, eu conheci seu pai, E ele disse que morava no Conjunto Redenção, que o Redenção era um conjunto de trabalhadores da Construção Civil. Como meu pai é oriundo da construção civil, meu pai foi construtor aqui muitos e muitos anos, mas já estava nessa época morando no Rio, aí é outra história. Ele disse, “olha, lá tem trabalhadores que conheceram seu pai e trabalhavam com seu pai.” Aquilo me despertou interesse de conhecer o Redenção, que não tinha calçamento, não tinha posto de saúde, não tinha creche nessa época (Rosalba Ciarline, amiga. Depoimento concedido em 16/04/2024).

E foi assim, em contato com os problemas na comunidade, que Humberto começou a se destacar nas reivindicações por melhorias no bairro. Já havia outras lideranças atuando no conjunto, e é importante repetir, que a natureza do trabalho comunitário é coletiva. O protagonismo de uma liderança não diz a respeito dele mesmo, mas do que ele faz pela coletividade e com a coletividade. Ninguém faz nada sozinho na comunidade.

Além de ser coletivo, o trabalho comunitário é totalmente voluntário. Ninguém ganha, financeiramente falando, algum retorno. Esses homens e mulheres se doavam pela causa comunitária, sem receber absolutamente nada em troca. Muitas vezes sequer tinham meios para se locomover até à prefeitura para levar as reivindicações feitas pelos moradores.

À medida que crescia a comunidade, a identidade de líder de Humberto se solidificava, e ele começava a encabeçar várias lutas dos moradores, muitas delas relacionadas à infraestrutura do bairro, por ser um conjunto habitacional novo, e por ser de periferia.

Segundo Wellington Barreto,

Humberto Lima foi uma pessoa muito importante, porque antes do movimento comunitário, as comunidades não eram vistas, certo? Não eram vistas, o poder público só olhava

o centro. Só olhava a riqueza, o poder, a burguesia. E com esse trabalho feito por mim, Manoel de Souza, Afonso Araújo, Dona Raimunda, Dona Rita Mota, Pedro Pereira, Humberto Lima, o meu amigo Cássio e tantos outros, aí, nós, as comunidades periféricas e rurais de Mossoró, passou a ter respeito e a ser respeitada ela comunidade. Então, Humberto teve essa contribuição (Wellington Barreto, amigo. Depoimento concedido em 06/04/2024).

Outra luta muito importante na história da comunidade e durante a liderança de Humberto foi a conquista da anistia das casas. Tanto Wellington Barreto quanto Rosalba Ciarlini, descrevem a importância dessa conquista para os moradores, e como foi importante a atuação dele nesse processo.

Nas palavras de Wellington Barreto, a luta pela anistia das casas trouxe dignidade aos moradores.

O outro problema é que as casas construídas pelo governo do Estado, com a parceria da prefeitura, as casas do Redenção, ainda não tinham, o governo não tinha dado título de posse àqueles trabalhadores que trabalhavam, que construíram com sacrifício as suas moradias sociais. Então, outra luta encabeçada, mais uma vez, por Humberto, por todos os outros líderes sociais lá do Redenção, através do meu trabalho como vereador, como amigo da comunidade, como militante do movimento comunitário, nós conseguimos o título de posse, e todo mundo que está no Redenção, todo mundo que estava morando na casa, hoje é dono de um patrimônio bom, Redenção é uma comunidade boa, grande, desenvolvida, com seu título de posse, graças à luta de Humberto Lima (Wellington Barreto, amigo. Depoimento concedido em 06/04/2024).

Também para Rosalba Ciarlini, o movimento pela anistia das casas, foi um dos momentos marcantes na história do movimento comunitário e do bairro Redenção, por ter sido uma luta que uniu a comunidade em torno de um objetivo em comum.

Era pela COAB, através da COAB. Eu sei que tinha sido assim. Bom, através do governador, teve com eles de fazer o conjunto dos trabalhadores da Constituição Civil. E eles queriam as casas e fizeram um acordo. “A gente constrói, você dá o material”. Só que depois não tinha o documento.



Aí até dá aquela regularização pra que cada um pudesse ser dono da sua própria casa... Ainda tem muito... é a regularização fundiária. Ainda tem muitos desses conjuntos que ainda tem coisa pendente, mas lá foi feito. Só se organizou e fez. Se organizou, comunidade, de novo, coletivo. Pra poder ter sua casa, que ele depois dela, podia vender, podia ampliar, podia fazer o que quiser (Rosalba Ciarline, amiga. Depoimento concedido em 16/04/2024).

Então, em meio a esse envolvimento, Humberto foi eleito por três vezes representante do bairro Redenção. Nos três mandatos em que esteve à frente do conselho comunitário, ele viveu com dedicação quase que integral à comunidade. Era incansável, como disse Rosalba Ciarlini em seu depoimento. Exerceu na prática a política que habita nosso ideário. Aquela que pensa o bem comum, e que tem como prioridade os sujeitos.

Nossa incredulidade diante da insensibilidade, do egoísmo e do individualismo tão presentes do sistema político, não nos permite ter esperanças quanto à possibilidade de se fazer uma política mais humana. Porém, contar histórias como a Humberto e da união dos moradores do Redenção, é uma forma de fomentar uma política mais humana, pela qual é possível produzir transformação social na vida das pessoas.

A comunidade do Redenção já não é a mesma da época de Humberto. Muitos dos que viveram com ele já se foram também. O bairro sofre de um mal que atinge os centros urbanos hoje, que são as facções criminosas, ceifando vidas de jovens, alterando a rotina de moradores durante à noite.

Mas as transformações provocadas no período da sua liderança no bairro, ainda hoje permeiam a memória de muitos deles. O nome dele ainda é lembrado durante as filas de espera no postinho. Ainda estão por lá seu amigo Cássio, dona Elita, dona Eunice, Neto Libânio e seu Manoel, que embora bem velhinho, mas ainda guarda em algum lugar da memória a amizade deles.

As lideranças atuais continuam exercendo o mesmo trabalho incansável, na tentativa de melhorar a qualidade de vida da população. As lideranças comunitárias, ignoradas por muitos, continuam sendo a ponte entre o povo e as autoridades.

Para chamar a atenção dos políticos, se utilizam dos meios de comunicação, através dos jornais e tv, hoje, as mídias sociais. Na época, Humberto estava constantemente nos editoriais dos jornais da cidade. Era a forma de incomodar quem tinha o poder de fazer algo pelos moradores.



**Figura 2 – Reunião de lideranças comunitárias na praça principal do conjunto Redenção. Identificados na foto: ex-prefeita Rosalba Ciarlini, ex-deputado Carlos Augusto, Gonçalo Vitor, Neto Libânio, Manoel (presidente do Conselho Comunitário do Conjunto Wilson Rosado). (Arquivo pessoal).**

Fonte: Autores (2025).



**Figura 3 – Humberto Lima na edição do jornal Gazeta do Oeste. Data desconhecida. (Arquivo pessoal).**

Fonte: Autores (2025).

Enquanto representação social, como descrito a respeito das comunidades e a política comunitária, a identidade é uma construção simbólica de sentido que alimenta a ideia de coletividade, uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença (...) (Pesavento, 2005).

Por isso, a identidade de líder comunitário se confunde com a identidade da sua própria comunidade. E essa dimensão só pode ser mais bem compreendida a partir de uma visão sociológica, que atenta para a simbiose que acontece nessa relação, entre representante e representados.

Sobre as representações acerca da figura do líder, é possível analisar à luz do que diz Chartier (2002, p. 20):

As definições antigas do termo, (por exemplo, a do dicionário de Furetiere) manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.

## **Representações e Memórias Coletivas: A Política do líder comunitário no chão do bairro**

Então hoje vemos o nome de Humberto sendo lembrado. Através do nome homenageado, a presença do sujeito vai se perpetuando na história e na memória da comunidade através dos anos, e mesmo após sua morte, ainda será preservado por meio do reconhecimento simbólico de sua imagem.

No contexto histórico, as definições fundamentais sobre o conceito de "mentalidade", aborda a mentalidade de um indivíduo, como sendo a mesma que ele compartilha com outros indivíduos de sua época. Essa mentalidade está relacionada ao cotidiano e ao automático, representando o que escapa à consciência individual e revela o conteúdo impessoal do pensamento.

Ao contrário da história intelectual clássica, que se concentra nas ideias como construções conscientes de indivíduos, a história das mentalidades aborda as representações e julgamentos coletivos que orientam os sujeitos sociais, muitas vezes sem que eles tenham plena consciência disso. Le Goff (1990) destaca e chama a atenção para a necessidade de compreender os esquemas e conteúdo de pensamento que, mesmo sendo expressos no nível individual, são, na verdade, condicionamentos inconscientes e internalizados que levam um grupo ou sociedade a compartilhar um sistema de representações e valores, sem a necessidade de explicitá-los.

Essa abordagem se aproxima das análises sociológicas da tradição durkheimiana, que também exploram os elementos compartilhados implicitamente pela sociedade.

O que quero dizer, é que o protagonismo de Humberto é o resultado da ação de múltiplos sujeitos. A forma como um líder surge, é em si mesmo o ponto de partida para a investigação desse fenômeno, como um fator social que comunica um pensamento, uma identidade coletiva, que ultrapassa as identificações particulares dos sujeitos.



**Figura 4 – Matéria sobre Humberto Lima no jornal Gazeta do Oeste. 27/04/1994. Arquivo Pessoal.**  
Fonte: Autores (2025).

Assim, sob esse fundamento, lançamos luz sobre o fato de que um sujeito anônimo como Humberto, sem educação formal, possa ter desenvolvido um trabalho de liderança comunitária, sendo eleito por três vezes seguidas e deixado um legado reconhecido pelos moradores do bairro. E a consciência que ele tomou acerca de si, e dos outros, e a consciência coletiva acerca dele, podem ser estudados a fim de explicar o seu protagonismo.

Todos esses elementos podem fornecer informações amplas a respeito do protagonismo desse líder e trazer uma reflexão crítica a respeito da sua importância para o desenvolvimento social de uma comunidade.

No contexto do bairro Redenção e do Movimento Comunitário em Mossoró-RN, vemos a construção de identidades e como a memória ajudou a formar o senso de coletividade de uma comunidade. A trajetória de Humberto, desde sua atuação como presidente do Conselho Comunitário em 1988 até sua morte, evidencia não apenas uma liderança política, mas uma figura que se immortalizou na memória coletiva da comunidade através de laços que vão além da política.

E a preservação dessa memória transcende o simples registro de suas realizações. Os símbolos, monumentos e homenagens, representam a perpetuação simbólica de sua figura na história local. Essas representações simbólicas têm um papel

fundamental na construção da identidade coletiva, proporcionando um senso de pertencimento e preservando as pequenas histórias que compõem o tecido social do bairro Redenção, que envolvem relatos de vida, nascidos na convivência do cotidiano.

A análise histórico-sociológica permite ir além dos seus feitos tangíveis, adentrando as subjetividades e conexões que moldaram seu protagonismo. A relação entre representante e representados, mostra também as interações sociais na construção da liderança comunitária.

A história vivida no chão do bairro, permeada por debates, relações interpessoais e lutas por melhorias, compõem o conjunto de significados e símbolos que alimentam a mística e a identidade do presidente do conselho com a comunidade que ele representa.

Ao ampliar a leitura do fenômeno histórico local através das lentes das Ciências Sociais, é possível compreender tanto o líder comunitário como um sujeito isolado, como também entender seu protagonismo como resultado das conexões e interações presentes em seu entorno.

## **O protagonismo do líder comunitário a partir de uma análise histórico sociológica**

Uma das contribuições de Roger Chartier foi a sua formulação do conceito de representação. O historiador ofereceu uma nova maneira de interpretar os processos históricos que ficou conhecida como "história cultural do social". Produzir uma história cultural dos fenômenos sociais significa, segundo Chartier, realizar uma investigação sobre as formas pelas quais os indivíduos e grupos constroem um sentido para os fatos históricos e, de uma maneira geral, para o mundo, a realidade.

Analisar o protagonismo do líder comunitário, sob essa perspectiva, é compreender os significados dos símbolos, que preservam a memória dos sujeitos, e contribuem para a formação de uma identidade em torno desse líder e da comunidade que ajudou a construir esse protagonismo.

Identificamos por exemplo, na liderança de Humberto Teixeira de Lima, a preservação da memória em torno de suas realizações políticas, através dos atos públicos de reconhecimento por meio de homenagens, através da atribuição do seu nome à uma praça do bairro onde morou, à uma rua localizada em outra comunidade, e a uma medalha de honra ao mérito comunitário, entregue a pessoas que se destacaram pelos serviços prestados no âmbito social.

Todas essas homenagens vieram após a sua morte. O que foi registrado lhe conferindo uma legitimação do protagonismo no movimento comunitário em Mossoró, foi a partir de vozes que mantiveram, através da memória, a manutenção dos feitos advindos da sua representatividade junto à comunidade.

Sob a proposta de análise deste fenômeno, analisar apenas os feitos que fizeram emergir essa liderança não é suficiente para compreender a sua dimensão sociológica, sendo pra isso, necessário ir até às conexões, às subjetividades dos sujeitos participantes dessa comunidade, dos que se empenharam nas causas, dos que construíram junto com essa liderança, a identidade do bairro Redenção.

Fazendo uma correlação com as discussões de Bourdier e Chartier (2009), observa-se a complexidade que há no entorno desse protagonismo, posto que, para além daquilo que os símbolos emitem, é preciso fazer perguntas mais profundas a respeito das relações entre os sujeitos, a fim de compreendê-las e o seu papel nesse processo de formação de uma liderança comunitária.

Sempre pensei, e ainda penso, que os labores do historiador ou historiadora atendem a duas necessidades. Eles devem propor novas interpretações de problemas claramente definidos, mas também dialogar com colegas estudiosos das vizinhas disciplinas de Filosofia, Crítica Literária e Ciências Sociais, de modo a estar melhor armados para refletir sobre suas próprias práticas e sobre os rumos para os quais a disciplina se dirige. E nesta condição que a História pode ajudar na construção de um conhecimento crítico do nosso próprio presente (Chartier, 2009, p. 15).

Analisar o protagonismo do líder comunitário através de uma perspectiva histórica, e

em diálogo também com a Sociologia, possibilita compreender as múltiplas dimensões e variados aspectos a respeito do fenômeno desse protagonismo desempenhado pela liderança comunitária.

Assim é possível analisar, por exemplo, o papel do líder comunitário enquanto mediador das relações sociais existentes na sua comunidade. A política que acontece no bairro, ela não se dá de forma apenas partidária, mas, de forma prática, ela acontece a partir de uma dinâmica de maior representatividade, através da instituição de conselhos, através dos quais são tomadas as decisões de interesse coletivo.

Outro aspecto, é a forma como esse líder vai criando uma história do lugar, modificando o espaço e a dinâmica dessas relações, enquanto lida diretamente com as pessoas. Isto é, lidando com o elemento humano que está atrelado aos problemas mais diversos que acontecem no bairro. O líder comunitário não é só a figura política que está mais próxima, mas por vezes, ele também atua em outros vários papéis, porque as necessidades surgem e ele é a pessoa lembrada naquele momento a fim de revolucionar as mais diversas questões.

A identidade desse líder se constrói também, a partir das narrativas de sua vida que, junto à vida da comunidade, forma esse sujeito que se destaca na liderança de um movimento. Ele trabalha com a diversidade cultural e social, presente na comunidade, e por meio de atividades, promoção do social, do bem-estar coletivo, ele une a comunidade em torno de um ideal comum.

É importante observar, que, muitas vezes esse fazer histórico-sociológico, se dá apenas no campo de uma prática, envolvida diretamente com as pessoas. Aqui se nota a pertinência da leitura feita a partir das competências da Sociologia, das Ciências Sociais, de modo a reconhecer a existência dessa dinâmica e identificar a sua intervenção na história de um grupo.

### **As representações simbólicas em torno do protagonismo de Humberto Teixeira de Lima**

No caso do protagonismo de Humberto Teixeira de Lima, existe uma série de



reconhecimentos simbólicos, que aconteceram após a sua morte, que representam a preservação da memória da comunidade em torno dessa liderança. Essas representações estão continuamente presentes no cotidiano, mostrando também os ideais do representante e representados.

Essa representatividade que faz parte do movimento comunitário, baseia-se em algo que é imaterial, que perpassa pelas questões das sensibilidades e memória, pois assim esses agentes constroem sua história e formam sua identidade coletiva.

A história social e cultural é percebida e escrita aqui de forma intrínseca. Na construção desta identidade coletiva, na educação que se promove através das lutas, no enraizamento da coletividade, enraizamento este que muitas vezes ocorre nos debates públicos, reuniões de deliberação e a convivência no cotidiano com a construção das relações interpessoais irão definir outras questões como as relações de trabalho, a obtenção de valores.

A perspectiva histórica dentro da comunidade, se constitui no fato de que através do engajamento de lutas, os moradores apreendem a ideia de que é nas ruas e praças ou na sala do Conselho Comunitário que ele se torna um sujeito da sua própria história. Nesse ambiente os agentes passam a analisar cada ação ou situação em um movimento entre passado presente e futuro, e compreendê-las em suas relações com outras ações, outras situações, numa dimensão maior.

Nesse sentido, cultivar a memória da luta e conhecer mais profundamente a história são aspectos fundamentais. O sistema de ideias e representações fazem parte do que a autora Roseli Salete Caldart (2003) define como mística, sendo assim mística a “alma dos lutadores do povo”, a força, a energia cotidiana, que a mantém e alimenta a visão dos moradores na utopia coletiva. Ou ainda a mística é aquele sentimento materializado em símbolos, que alimenta a ideia do coletivo, do grupo. Daí a preservação das lembranças através de fotos, registros de matérias de jornais, ou mesmo na lembrança afetuosa de um gesto.

Dentro deste contexto, a História Cultural como esclarece Chartier (2009), é fundamental para indicar como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída. O campo da história

social pode ter como objeto os motivos das representações e pensá-las como análise de configurações sociais.

A História Cultural pode ser assim conceituada como uma investigação do modo como se constrói um sentido. E nesta perspectiva estão estabelecidas as relações entre a história dos textos, a história dos livros e a história da leitura, o que coloca a História como discurso acerca da realidade e impõe ao historiador o dever de compreendê-la. Ela traz, portanto, “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes” (Pesavento, 2005, p. 69).

A política comunitária possui uma característica própria. Diferente da política sistemática, ela é mais representativa, no sentido de que, a participação popular acontece de forma mais direta, seja pra decidir a respeito de uma nova escola pro bairro, ou pra resolver algum problema estrutural. Isso muitas vezes faz com que a comunidade se una, apesar das diferenças individuais e partidárias, para que o bem-estar coletivo seja alcançado.

Há que se considerar, na formação desse protagonismo, as vozes silenciadas por não aparecerem com destaque, nesse processo. Se dizemos que esse protagonismo não acontece de forma solitária, é preciso olhar com mais atenção os sujeitos que estão no entorno da figura principal.

## Considerações Finais

Considerar o espírito humano e se apossar de suas implicações na construção do conhecimento e pensá-las como um fazer científico é romper com paradigmas solidificados ao longo da história, acerca do que é ou não científico. Estamos nos arriscando em um exercício, tentando sair de um mundo fabricado e lido através de lentes cartesianas, o mundo da ciência objetiva, que pensa os fenômenos de forma absoluta e exige uma certeza para se chegar à chamada objetividade.

As mudanças de paradigmas nas ciências da natureza e humanas, nos desafia a refletir mais detidamente sobre o conhecimento do



conhecimento científico. Partindo da questão do que é cientificidade e quais os critérios para que isso ou aquilo seja identificado ou classificado como científico, nos deparamos com a crise dos fundamentos do conhecimento científico, como apresentado por Morin (2020), segundo o qual o conceito de ciência agora não é mais sinônimo de certeza. A sua objetividade não é pura, como se desejava que fosse, antes, ela é permeada pelas subjetividades advindas da relação daquele que observa, com o produto da sua observação.

É a subjetividade que atribui objetividade ao conhecimento científico. O sistema de ideias não se trata de algo dogmático, mas aponta para as estruturas invisíveis que podem ser percebidas, independente do olhar estatístico do observador.

Quando olhamos por exemplo, para o protagonismo da liderança comunitária de Humberto Lima, estamos a contemplar a ponta de um iceberg que nos leva à constatação da existência de conexões que ainda são por nós, desconhecidas. Conexões essas advindas das relações comunitárias, de observadores múltiplos que a partir do seu lugar, ajudam a construir teorias e levantar questionamentos acerca desse protagonismo.

Essas são as questões da cientificidade. Eis o motivo de a teoria ser algo obscuro. Porque existe o emaranhando de interesses, ligados às subjetividades, ao espírito humano que não podem ser ignorados por quem observa.

Essa Epistemologia que considera as subjetividades, está atenta ao entorno do pensamento científico, da colcha de retalhos que é o sistema de ideias, da movimentação dos corpos, da linguagem, de objetos que se ligam mais ao espírito do que à lógica, ou ainda, que considera o espírito e o cérebro, a razão, como partes de um todo, numa construção em que as autorreferências e as exoreferências se auto-organizam. Como enfatiza Morin (2009), a ideia é articular ambos, cérebro e espírito, olhar para os dados e perceber as representações simbólicas que eles exibem, a conexão entre a razão e a imaginação como fenômeno constitutivo da humanidade do conhecimento. Daí a ideia do pensamento científico não se tratar de algo simples, certo e fechado em si mesmo.

Considerando as condições em torno das teorias, esse pensamento se revela complexo, incerto

e com ligações que formarão teias, a partir de novas perguntas que por sua vez levarão à novas respostas e estas levarão à novas formas de enxergar os dados, trazendo consigo as intervenções da cultura, da linguagem, para formar esse novo pensamento científico.

Se concluirmos então que as subjetividades advindas do ser humano constituem o modo de pensar científico, lidaremos melhor com a coexistência da lógica com a imaginação. É próprio do indivíduo usar as regras da organização do pensamento lógico para construir as ideias, no entanto, carregamos o eu mitológico, o eu poético, que cria, que imagina, e então transgredir as certezas dessas regras. Faz parte do processo do nosso pensar. Consequentemente, faz parte do pensar científico.

De modo que não é possível abandonar essas diversidades e abstrações, antes, é preciso buscar essa epistemologia que reconcilie a ambos, pois são esses elementos que nos constituem, enquanto seres pensantes, participantes ativos da construção do pensamento, do conhecimento científico. E, justamente por isto, é um conhecimento que se pretende plural, aberto, que está em contínuo movimento, nos tirando às vezes de um lugar seguro para que reconheçamos as nossas limitações, e a partir desse reconhecimento, progredir no conhecimento do outro, e de si mesmo como parte de um todo.

Diante desse paradoxo, o conhecimento que para nós parece íntimo, logo se torna um estrangeiro ao fazermos a primeira investigação sobre ele. São as sombras, as zonas cegas e os buracos negros do pensamento, que antes bem fundamentado em construções lógicas e racionais, agora se descobre o incerto, a fim de conhecer a si mesmo. Essa seria, afinal, a conquista da ciência ocidental, segundo Morin (2009), uma ciência que se construa com a objetividade e a subjetividade a fim de ser um conhecimento que conheça a si mesmo e os outros objetos.

Essa articulação considerará as intervenções das relações humanas com o meio onde vive e se movimenta com seus semelhantes. Suas estruturas cognitivas e como elas se refletem no seu modo de pensar, o lugar do sujeito que também se torna objeto, que no lugar de observador de si próprio, transmite consciência aos dados observados.

Essa Epistemologia que se requer aberta, integra agora todo o conhecimento que diz de si mesmo ser verdadeiro, inclusive aquilo que ainda não é conhecido. Não se trata de uma relativização e ruptura completa com os paradigmas fundantes. Mas é aceitar a existência do desconhecido para então descobrir o conhecido. É a busca de conhecer o conhecimento. Articular uma reflexão acerca de si mesmo, com todas as ilusões, contradições, as histórias que envolvem a origem, a formação, que constituem o ser que pensa e elabora.

Diante desses desafios de um novo modo de pensar científico, somos convidados a refletir sobre a cientificidade que construímos e atribuímos à essa ciência que estamos participantes. Consideremos as histórias, as fábulas, os mitos, os sonhos. Dos vivos e dos que estão vivos em outro lugar. Uma ciência mais humana, com suas brechas, incompletudes, incoerências.

A inteligência não medida pelos métodos tradicionais, nem conhecida pelas estatísticas, mas aquela demonstrada nas múltiplas formas de saberes, encontradas nos lugares mais simples e improváveis. É a história dos anônimos, as micro histórias, que movimentam as estruturas e tornam os sujeitos participantes do processo de fazer ciência.

Colocar-se no lugar do outro, mais especificamente, no lugar do meu semelhante, sentir-se parte, parte de e com aqueles que sofrem. E em seguida, ver surgir a capacidade de enxergar-se como participante, encontrando uma identidade que antes não existia, ao mesmo tempo em que se reconhece a reprodução de muitas injustiças.

Por vezes, o processo de identificação não se revela com clareza, pois estamos imersos na construção de nossa própria identidade. Por diversos motivos, podemos ser levados a nos identificar com o lado que representa o poder e a dominação, mesmo quando, nesse ínterim, também fazemos parte do grupo dominado. Antes de ser uma questão de posicionar-se, trata-se de reconhecer a si mesmo, buscando compreender as próprias ações em relação às sociais e humanas que estão em nosso entorno.

Outro ponto, é ligar-se aos antepassados. Perceber as vozes e os silêncios de quem ajudou a construir uma identidade, e como eles continuam falando através de suas memórias, das impressões que deixaram através de seus feitos, e reconhecer as

conexões que existem entre eles. Isso influencia diretamente a formação de uma consciência crítica a respeito do seu lugar enquanto cidadão participante das transformações.

Além do mais, não há como ignorar as subjetividades que são próprias do que é humano. É a categoria a qual todos pertencemos, e por isso mesmo, nos torna tão iguais, mesmo com as diferenças.

Esse movimento de reconhecer-se humano e a humanidade no outro, é capaz de levar à compreensão dos dramas pessoais, das fragilidades, sonhos e aspirações. Atributos que não podem ser contabilizados, mas apenas, compreendidos.

A coletividade, de igual modo, também diz muito sobre o sentido de pertencer. Esse é um princípio primordial para ser conscientemente parte do sofrimento alheio. É superar o ato de “empatia” apenas, e se colocar como sujeito ativo nesse processo de transformação social e interrupção de ciclos de injustiças.

Para além das classificações as quais nos separaram ao longo da história, esse chamado a olhar para nossa essência e para o lugar ao qual pertencemos, é ir na contramão do ritmo da música que se ouve por todo lugar: Individualidade, egoísmo, noções equivocadas de superioridade, crença de que há um ser humano superior ou inferior.

É um ato revolucionário fazer o caminho de volta. Aliás, é revolucionário reconhecer que precisa fazer o caminho de volta. Nossos atos de justiça e compaixão serão mais concretos se reconhecermos nossas próprias fragilidade e deficiências, principalmente em conhecer o semelhante como sujeito portador de uma humanidade, que lhe confere direitos como tal.

Dizemos muitas coisas ao escrever sobre essas pessoas. Chamamos a atenção para elas, para suas memórias, histórias, vivências, tristezas e alegrias de quem foram ou de quem são. E apresentá-las como são, com suas limitações e potencialidades, é trazer esperança sobre os problemas humanos. Nem tudo depende de quem detém o poder, há muitas possibilidades de mudanças, quando forças são reunidas em prol de um ideal comum.

O quanto poderemos alcançar quando nos dermos conta desse potencial de cada ser humano? E

o quanto cada um pode evoluir, quando reconhecer-se a si mesmo e ao semelhante como parte de um todo que os torna participantes de um mesmo processo histórico? Por isso, a história de Humberto Lima, um anônimo, abraça nossos ideais de uma política humana e fraterna.

Mas, como disse Ailton Krenak (2019), não há mais sentido em viver em sociedade. O autor convoca a “adiar o fim do mundo”, contando mais uma história. Nossas experiências são o que dão sentido à nossa existência. Semelhante aos povos originários, que resistiram bravamente preservando sua cultura, sua língua, as pessoas da comunidade não são indivíduos. Mas eles ganham e atribuem sentido à sua existência a partir de sua coletividade.

Quando se reúnem para se defender, quando juntos decidem sobre as condições do lugar onde moram, eles estão também resistindo, guardando memórias, contando e recontando histórias. Ouvindo os velhos, repassando as crenças os mitos, dando sentido à suas vidas. Preservar as subjetividades. Segundo o autor, essa também é uma forma de resistência.

Resguardadas as devidas proporções, a comunidade, o bairro, também se preserva assim. As subjetividades estão presentes nas ações que promovem. Cada data que serve para unir, compartilhar, sentar-se em volta da mesa, tudo isso é carregado de elementos humanos que, por um pouco de tempo, dão o vislumbre do ideal que deveríamos perseguir. Somos iguais, mas diferentes. Alteridade, diversidade mesmo que não uniformidade. Há várias ideias, várias cabeças para pensar, e o ambiente propício para evocar o espírito humano, é justamente em meio a essas diferenças.

As reflexões de Ailton Krenak apontam para o que a sociedade precisa fazer, para quebrar o ciclo de autodestruição dos homens, e consequentemente do lugar onde vivem. Essa corrente de individualismo, do consumo desenfreado e esquecimento das origens, banalização da vida em detrimento das riquezas, tem criado pessoas cada vez mais indiferentes umas com as outras, e por isto mesmo, o passado já não tem mais voz.

Os velhos são descartados. Assim como tudo que não parece tecnológico o bastante, ou o que remete aos saberes antigos, não encontram mais lugar às rodas de conversas dos jovens. De modo que

esta sociedade vai refletindo em seus sujeitos, o insensível abandono da ancestralidade. Já não importam essas vozes, nem os sonhos, nem os rios e as conversas nos alpendres.

O movimento comunitário, por exemplo, já não possui a mesma força que tinha nas décadas de 80/90. A figura do líder ainda é importante, mas o movimento já não é voz tão atuante como era nessa época. E as histórias, que estão perdendo o valor, vão deixando de ser contadas, afetando a perpetuação de uma identidade, tanto pessoal como do coletivo. O que significa pra uma comunidade ter uma identidade? Por que é importante? Porque ser parte dela, dá aos sujeitos a percepção de pertencimento a um lugar, um espaço, um povo.

Esse sentido de ser parte, é o que move o sujeito em direção à atitude e posicionamento para o trabalho em cooperação com outros. É isso que move o agrupamento que protesta, que reivindica, que pressiona o poder público, que assume a reponsabilidade para si, uns com os outros, a fim de fazer com que cada direito seja garantido.

Isso também é reconhecer-se humano e parte de um grupo de outros humanos. Reconhecer suas origens como parte de si, e a partir disso, construir uma sólida defesa das liberdades do outro, da constituição do outro, porque ele é o semelhante. É revolucionário pensar que o homem pode pensar de si mesmo, a partir de seus sentimentos e emoções. Daquilo que lhe inerentemente humano, para que ele desenvolva a sensibilidade de viver em comunidade.

Saber o lugar e o lugar da sua voz, no sentido de autoconhecer-se, reconhecer-se parte desse processo, é resgatar o sentido de se viver em sociedade. Não cabe ideias individualista quando se pretende viver em comunidade. Pois na coletividade, a alteridade força as pessoas a conviverem umas com as outras, e resolverem juntas os conflitos, em prol de um bem comum.

Com a história de Humberto e o diálogo com os diversos pensadores e cientistas descritos nesta pesquisa, emerge um convite à introspecção e à ação. Identificar-se com o semelhante, reconhecer as próprias raízes e ligações com a comunidade são passos essenciais para uma consciência mais crítica a respeito de si. O chamado para preservar as subjetividades, valorizando as experiências

compartilhadas e a identidade coletiva, é um apelo à resistência.

Existe um valor único e um potencial transformador em cada ser humano e no papel essencial da coletividade na construção de um futuro mais justo. Reconhecer-se como parte de um todo, entender a importância da alteridade e cultivar uma consciência crítica são atitudes revolucionárias que podem inaugurar um novo capítulo na história, onde a humanidade se reencontra e renova seus laços com o meio onde vive e compartilha saberes, fazeres e sonho, tudo o mais que faz parte da sua condição de ser humano.

## Referências

- BARRETO, Wellington. **Lideranças Comunitárias de Mossoró: Trajetórias e Contribuições para o Desenvolvimento Local**. Mossoró: Editora Universitária da UFERSA, 2014.
- CALDART, Roseli Salete. **MST 15 ANOS**. Lições de Pedagogia da História. Disponível em: [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org). Acesso em: 21 jan. 2025.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. **O Sociólogo e o Historiador**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- DELGADO, Luciana de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- HARRES, Marluza Marques. Trabalhando com memórias. Memória e história da reforma agrária do banhado do Colégio: Camaquã, RS, Brasil – 1962-1972. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 32, n. 1, p. 127-141, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MORIN, Edgar. **Terra Pátria: Um discurso sobre a humanidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1993.
- MORIN, Edgar. **Para um Pensamento do Sul**. Tradução de Mário Laranjeira. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **História Cultural: experiências de pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.